27/11/ 2009, 12h, Escola Básica 2,3/S Bela Vista, Sala Clube da Matemática

Professor da Escola que presenciou acções do Projecto *(EPA2)*

– Professor Amílcar Caetano –

(Duração – 16m 57s)

Estou na presença do professor Amílcar, professor da Escola Básica 2,3/S Bela Vista, do grupo de Matemática e Ciências.

Conhece o trabalho do Grupo de Percussão desde a sua origem como Clube em 2007/2008, ao trabalho em turma no ano lectivo seguinte. Lembra-se de quando viu o grupo de Percussão actuar pela primeira vez?

Sim, sim na Capricho, num teatro na altura do Natal, salvo erro, por esta altura mais ou menos. Eu sei que foi um teatro e, portanto, começou com a apresentação deles. Entraram pela sala, numa coreografia pequenina, mas engraçada, lembro-me perfeitamente, foi um grande espectáculo.

O que pensou?

Que aquilo era um trabalho muito importante.

A que nível?

Naquele momento, mais ao nível do comportamento, porque a turma era um pouco irrequieta e ali eles tinham… pensei, que naquele momento eles estavam a adquirir ali alguma coisa relativamente à disciplina pessoal, principalmente a isso e a conviver com as outras pessoas portanto. Além disso também a auto-valorizarem-se, acho que também foi importante para eles se sentirem valorizados, apresentando um trabalho fora da escola. Porque regra geral a escola é só a escola. A escola são quatro paredes, onde há professores muito maçadores, onde há matérias muito complicadas e onde tudo é muito difícil e portanto, estes trabalhos quando levados para fora da escola, mostra-lhes que realmente há uma complementaridade e que, a escola não são quatro paredes. A escola prepara precisamente para irem para fora, fazer qualquer coisa de jeito na sua vida.

Considera que foi alguma "coisa de jeito" feita naquele momento?

Acho que sim, acho que foi muito importante, acho que foi muito importante. Aliás, eu fiquei muito empolgado com aquilo e fiquei mesmo.

Foi o primeiro contacto que teve…

R: Foi, foi…

Não tinha outro conhecimento do trabalho?

Não, sabia só que havia. Sabia que existia, só, mais nada.

Não pensou na dimensão do trabalho?

Não aquele momento não. Pensei só que aquilo era um trabalho muito bonito para os miúdos e que lhes estava a dar alguma coisa. No futuro, que aquilo ia ser qualquer coisa, que ia ser significativo, o quê não sei, não… mas naquela altura senti que lhes fazia falta, que era qualquer coisa que lhes estava a fazer muito bem também.

No ano lectivo seguinte foi professor da Turma D do 6º ano, uma turma bastante difícil em termos comportamentais, regras e… uma turma difícil pode-se dizer. Mas esta foi a turma pioneira no Projecto Percussão em sala de aula, porque até aqui fazia parte do Clube, o trabalho era dirigido apenas ao Clube de Percussão e aos alunos que se inscreviam. Deu-se conta dos comportamentos dos alunos face à actividade?

Sim, fui-me dando conta ao longo do ano lectivo. Para já, porque já tinham sido meus alunos antes e portanto a nível do comportamento deles, eles tinham melhorado um pouco o comportamento. Havia uma maior disciplina e mais regras. Portanto eles… embora fosse uma turma muito difícil e quebrassem muitas vezes as regras, eles tinham em atenção a isso e no mínimo eles conheciam-nas… por muito que as quebrassem. Ainda por cima que havia aquelas sanções de que quem quebrasse as regras não ia ao Clube, que não ia à Percussão… e eu acho que a percussão é uma coisa que eles gostavam mesmo muito, aliás viu-se isso quando foi a apresentação. Depois, mais tarde viu-se perfeitamente que era uma coisa que eles gostavam mesmo de fazer e para a qual estavam empenhados.

Apesar de estarem suspensos alguns…

E até foram, até pediram para ir porque estavam suspensos e via-se que aquilo era uma coisa importante para eles e achei muito boa a ideia de se… não se levar muito a suspensão e eles virem fazer, portanto… Para mim nesse momento, a suspensão não tinha nada a ver

com as aulas, a suspensão era sobre as aulas, e aquele trabalho era um trabalho extra. Não era um trabalho pessoal, era uma coisa que envolvia um grupo e no caso deles falharem… eles tiveram essa consciência, no caso deles falharem o grupo estava em… punham em cheque o grupo, o grupo perdia por não fazer uma apresentação por falta deles e portanto acho que foi um momento em que eles tomaram consciência que há regras que têm que ser cumpridas.

Eram logo três alunos que faziam falta no conjunto instrumental…

Sim, sim, sim e um deles até tocava várias coisas, mudava os instrumentos, lembro-me, depois na apresentação.

Ouvia-os falar a respeito do trabalho de Percussão?

Sim, sim, sim, principalmente nos dias que havia percussão, portanto. Falavam no ir ou não ir, no ter que ir mesmo e portanto eles falavam muito sobre isso. Mesmo aquilo que tocavam e como tocavam e faziam comentários uns com os outros: quem tinha tocado bem, quem tinha tocado mal, quem é que se tinha enganado, quem é que não se tinha enganado, quem é que tinha sido chamado à atenção na última vez… por vezes eles faziam este tipo de conversas. Não propriamente dentro da sala de aula, algumas vezes sim, mas ouvia-os no pátio a fazer estes comentários e às vezes até desabafos comigo. “Professor não vê, ele agora fez - não sei o quê - e agora a professora não deixa a gente fazer isto ou não deixa a gente fazer aquilo…”

Que balanço faz das apresentações públicas que presenciou?

A nível pessoal gostei muito, para já porque eu gosto muito deste tipo de trabalhos, estou metido no meio destas coisas e gosto muito deste tipo de trabalhos. Depois gostei muito principalmente da última, daquela que houve ali com o palco montado no pátio. Acho que foi mesmo muito boa, tive pena porque ficou muito para o fim, mas foi uma coisa muito bonita, foi muito bom mesmo.

Então, poderei perguntar-lhe como avalia o desempenho musical dos estudantes como grupo instrumental?

Aquilo que eu vi: bom.

Musicalmente bom?

Sim, sim musicalmente bom. Dada a idade, os instrumentos, todas as condicionantes que tem à volta deles, foi bom, foi um trabalho muito bom, foi uma audição boa e tudo.

Considera também haver aprendizagens individuais? A que nível?

Eu acho que há sempre, neste tipo de trabalhos há sempre aprendizagens individuais. Não só pelo autocontrole, auto-estima, autoconfiança, como também, eles lentamente vão aprendendo mesmo as técnicas, a mecânica, se quisermos falar cientificamente, vão sempre aprendendo. Depois trata-se de música e eu tenho que, a música, acho que é a escada pela qual se deve começar a subir. Porque eu acho que a música é tudo na vida das pessoas: nós acordamos com música, vivemos com música, deixamo-nos dormir com música e a música, acho que está presente em todos os momentos da nossa vida, quer no nascimento, quer na morte, quer em qualquer momento a música está presente. Portanto eu acho que a música é qualquer coisa que nos faz crescer. Não pela paz que nos dá por vezes a ouvi-la, ou pelo desassossego que nos provoca… temos que ouvir isto ou aquilo de acordo com o nosso estado de espírito, mas é acima de tudo também, algo que nos dá uma certa disciplina e onde os miúdos – falando agora nos alunos – onde eles vão aprendendo mesmo. Só a questão de aprender as notas musicais, a forma como as notas se misturam e dão origem a sons. Eu acho que isso é uma grande aprendizagem e que os desperta para essa aprendizagem, e que se calhar mais tarde, quem sabe? Daqui saem alguns músicos.

Em termos do trabalho de percussão em si, poderemos pensar na origem dos nossos alunos, nas etnias, no aspecto cultural…?

Sim, a maior parte dos alunos da escola nasceram destes sons, os pais, os avós, foram eles que trouxeram estes sons, foram eles que ajudaram que estes sons se tornassem mais audíveis junto de nós. Depois, tem outra coisa, a percussão, principalmente este nível de trabalhos, acho que a nível sonoro é uma coisa muito bonita mesmo, é mesmo bonito. Gosto de ver aquilo e depois os miúdos identificam-se com isto, porque também tem um bocado de irreverência, que eles gostam de ter e que gostam de mostrar, eles conseguem transportar essa irreverência para estes instrumentos musicais e despejar ali todas as suas energias. A força que eles fazem a bater e a movimentar-se, acho que é importante e que lhes vai também ensinando muito.

Em termos de disciplina, também? Organização?

Sim, sim organização, tudo. O saberem esperar: agora toco eu, agora tenho que fazer este som a contrapor aquele, para que aquilo realmente resulte e não seja uma amálgama de sons que ninguém entende. Portanto eles tomam essa consciência e isso é uma aprendizagem.

Eram eles que montavam tudo, houve interacção por parte de todos os elementos do grupo?

Claro.

Em relação ao comportamento e atitudes, já falamos na sua generalidade, mas pergunto: concretamente quando eles estão a actuar, na performance, considera que os comportamentos estão de alguma forma filtrados ou controlados?

Estão, estão mesmo. Eles estão muito conscientes do que estão a fazer, acho que eles têm uma atitude de artista, naquele momento eu acho que eles se transpõem mesmo para um outro eu, da pessoa que está consciente que não pode falhar naquele momento e que está ali a fazer qualquer coisa muito importante. Nem que seja por breves momentos, está bem que depois tudo aquilo acaba e eles voltam rotina normal, mas naqueles momentos… e eu acho que esses momentos os vão marcando, porque daqui a uns anos eles hão-de falar disto e do que aprenderam aqui.

Então considera que a música, de alguma forma, consegue também educá-los enquanto cidadãos?

Sem dúvida alguma. Para já ajuda-os a ter uma boa auto-estima e ajuda também a saber que existem por algum motivo. Portanto nós não nascemos só porque nascemos, não estamos aqui só porque estamos aqui e não vimos para a escola, só porque vimos para a escola. Cada um de nós tem um determinado lugar na sociedade e esse lugar tem que se ir conquistando com aquilo que nós vamos sabendo fazer. Portanto, a nível das aprendizagens, eles vão aprendendo. Uns vão gostando outros não, a verdade é que todos vão fazendo e vão filtrando também a sua posição futura relativamente à sociedade. Portanto uns serão músicos, outros não serão músicos, uns farão alguma coisa em prol da comunidade através da música ou não. E, principalmente nas colectividades amadoras e nesses grupos amadores, nós verificamos que as pessoas têm a sua vida privada, têm a sua vida profissional, mas a nível da sociedade e como cidadãos entrevêem através de qualquer outra actividade como hobby, portanto a música é um caminho para… e estes alunos, eu

acho que eles estão no bom caminho, este grupo de Percussão que é muito bom e que os ajuda muito.

Tenho-o ouvido falar só em aspectos positivos no que diz respeito ao Grupo de Percussão. Consegue apontar alguns pontos fracos?

Muito sinceramente, eu não consigo apontar pontos fracos, porque todos os pontos que são fracos, são pontos que se tornam, ao fim ao cabo, fortes. Por exemplo a falta de materiais que eu acho que o Grupo de Percussão tem, a necessidade de haver o Grupo fez com que os materiais aparecessem e que se inventassem instrumentos. A própria indisciplina dos alunos ao princípio, quando começam a lidar, acaba por se tornar na disciplina mais tarde, porque vão sendo, de alguma forma, reprimidos – entre aspas – das suas atitudes e portanto vão pagando pelos erros que fazem, através de certas medidas correctivas. Portanto, aspectos negativos não tem assim muitos, aliás não os vejo e se os vejo, sinceramente, estou tão entusiasmado com o Grupo (risos) que não consigo vê-los. (risos)

Sabe se outros alunos, que não os envolvidos no Grupo de Percussão, falam ou falavam, manifestando algum interesse pelo Projecto?

Isso não, não me dei conta. Porque a entrada na escola e a saída… e quando falava era principalmente com os meus alunos, os alunos da minha turma. Os alunos das minhas turmas estavam quase todos ou alguns… portanto implicados também no Projecto, não me dei conta.

Que importância atribui a esta actividade na vida escolar dos estudantes?

É uma forma de eles também verem a escola de outra forma, de verem que a escola é mais qualquer coisa além de andarem a carregar livros e a levar com os professores.

Poderá de algum forma motivá-los para a frequência do espaço escolar?

Eu acho que sim, que estes Clubes, não só o Clube da Percussão, como outro tipo de Clubes, é pena é não haver tempo disponível da parte dos professores para se dedicarem mais a estes Clubes. Porque eu sei que, para se ter estes Clubes, um professor que toma a responsabilidade de estar à frente de um Clube destes, perde muito do seu tempo pessoal, da sua família, da sua disponibilidade, para se entregar ao Clube, porque são tudo horas extra curriculares, são tudo horas que nós damos em favor da comunidade.

A favor dos alunos mais concretamente (risos)

Pois.

Considera que este trabalho vai ao encontro dos objectivos delineados no Projecto Educativo de Escola?

Eu acho que sim, porque um dos objectivos da escola é precisamente o trazermos estes miúdos para a frente. Portanto deixarem o abandono escolar, virem à escola mais vezes, não deixarem de vir ao espaço escolar, não deixarem de vir às aulas, aprenderam qualquer coisa, nem que seja muito lentamente, verificarem que a escola é o elo, a ponte entre o hoje deles e o amanhã enquanto Homens, enquanto cidadãos no futuro, intervenientes também e portanto, eu acho que este projecto tem tudo a ver com aquilo que nós queremos para a escola. Eles interagem uns com os outros, aumenta-lhes a auto-estima, fá-los ver o espaço escolar de outra forma, a frequentarem mais o espaço escolar. Para aderirem a estes projectos terão que vir às aulas, como é lógico, portanto… e lentamente eu acho que eles entram num caminho de estar da escola, de verem a escola de outra forma. Isto também está um bocadinho a mudar, eu penso que a escola está a mudar.

Pensa que esta actividade deu alguma visibilidade ou de certa forma, algum prestígio à Escola, uma vez que foram feitas várias actuações no exterior?

Eu acho que sim. Não só à Escola, como também ao Bairro. A Escola está inserida num Bairro super problemático, a Escola é problemática e o Bairro, e aliás a Escola é filha do Bairro, portanto tinha que ser problemática e o Bairro é problemático. Eu acho que todas estas manifestações culturais extra-escola, fora do muro da escola, mostra às pessoas que na realidade na Bela Vista nem tudo é mau. Há coisas muito boas mesmo, é preciso é as pessoas estarem disponíveis e com predisposição, pré disporem-se a ver as coisa boas. Regra geral como eu nesta entrevista, sobre o Clube só vejo as coisas boas, não consigo ver as más, porque não tenho pré disposição para as coisas más. Exteriormente as pessoas não têm pré disposição para as coisas boas do Bairro ou da Escola, só têm pré disposição para as coisas más e portanto só se vê o que é mau. Aliás, só aparecem jornalistas e televisões no bairro da Bela Vista ou até mesmo na Escola quando há coisas más: quando o telhado voou apareceram os jornalistas, mas quando a Escola se inaugurou não apareceu nenhum. Portanto nós verificamos que estas coisas boas, é bom que cada vez vão para mais longe, para fora dos muros da Escolas, para que as pessoas vejam que também se

fazem coisas muito boas aqui e que os nossos alunos, como qualquer aluno de outra escola qualquer, são tão bons como os outros quando calha e são tão maus como os outros quando calha.

Muito obrigada professor Amílcar.

Nada.